

Igreja contrata segurança para acabar com clima de medo

Pároco de São José denuncia situação “problemática”. Toxicodependentes perseguem idosos para pedir dinheiro e até se drogam à entrada da igreja **PÁGINA 5**

DIREITOS RESERVADOS



Entrevista

“Uma mulher
no meio da cinza
de um vulcão
não era algo
que se visse”

PÁGINA 2

Regional

Ex-diretor regional retira queixa

Após intervenção do secretário da Saúde, médico voltou atrás na queixa contra USISM **PÁGINA 7**

PUB

DECATHLON
PONTA DELGADA
DESPORTO PARA TODOS - TUDO PARA O DESPORTO

Quechua
MOCHILA DE CAMINHADA ARPENAZ 10

10 ANOS
DE GARANTIA

2⁹⁵ €

QUALIDADE A PREÇOS SEMPRE MAIS BAIXOS

SAÍDA / EXIT HOSPITAL

RUI JORGE CABRAL



Regional

Poça da Dona Beija limita entradas

Acesso aos banhos termais está a ser limitado quando há mais afluência **PÁGINA 3**

Desporto

Segunda derrota seguida custa liderança ao Santa Clara

PÁGINA 20

Nuno Carvalho vence Taça Kobayashi

PÁGINA 22

Regional

Número de açorianos à espera de cirurgia sobe

PÁGINA 11

PUB

AÇORES 1
Henrique Benevides
tricampeão açoriano
de motocrosse

PUB

Agriloja

POUPE 13%

45,99€
39,99€

Aparafusadora
4V
cód.: 0152687

Ryobi

Agricultura Jardim Pecuária Animais de Estimação Bricolage Casa

Promoções e preços válidos de 15 de Setembro a 5 de Outubro de 2017 na Agriloja da Ribeira Grande. Campanha limitada ao stock existente em loja. IVA à taxa legal em vigor. Mais informações em loja.

PUB

**RESTAURANTE
O MARINEIRO**

Peixe fresco do dia
Marisco vivo
Carnes regionais
Petiscos diversos

Servindo
os Açorianos
desde 2009 Todos os dias das 12h00 às 24h00

Parelhada de peixe e marisco

PORTAS DO MAR LOJA 3 296 629 524 / 916 368 887 geral@omarinero.com www.omarinero.com

Entrevista

Raquel Soeiro de Brito, professora catedrática jubilada da Universidade Nova de Lisboa foi a primeira cientista a chegar ao Faial para estudar a erupção dos Capelinhos em 1957

“Uma mulher no meio de um vulcão não era algo que se visse”

ANA CARVALHO MELO
anameloc@acorianooriental.pt

Em setembro de 1957, como teve conhecimento da erupção do vulcão dos Capelinhos?

Eu soube do vulcão por uma notícia de jornal nas escadas do aeroporto de Lisboa, onde tinha ido levar um grupo de colegas estrangeiros. Assim que li a notícia pensei que o vulcão tinha de ser estudado, por isso fui logo a casa do professor Orlando Ribeiro mostrar-lhe o jornal e disse: ‘Temos de ir o mais depressa possível porque é um vulcão submarino e pode desaparecer’.

‘Não vale a pena ir’, respondeu, mas eu insisti até que ele acabou por dizer que sim, mas com a condição de que tinha de ser eu tratar de tudo.

Nessa altura eu era professora extraordinária, o que se hoje se chama professora auxiliar, e havia grande dependência do professor catedrático, por isso eu tinha de convencer o professor Orlando Ribeiro ou então não ia.

E foram os primeiros investigadores a chegar ao Faial...

Chegamos no dia 5 de outubro. Fomos num avião militar e depois num navio de guerra e chegamos ao Faial no dia 5 de outubro.

Quais são as primeiras memórias que tem de quando chegou ao Faial?

A primeira noção foi ainda na ilha Terceira, onde cheguei num avião militar e pela primeira vez vi o vulcão, ainda no dia 3 de outubro.

Só depois fomos de barco para o Faial, onde tudo o que era carro privado e do Estado estava a levar a população para o outro lado da ilha. Então apresentaram-nos: ‘Estão aqui estes senhores, façam tudo o que eles disserem’. Claro que quando explicávamos [à população] que tinham de sair de casa, porque ninguém sabia o que ia acontecer, as pessoas diziam que não, que a casa era delas e que não saíam de casa.

É claro que quando o Governador disse: ‘Vocês vão para casa dos vossos parentes!’, eles já foram.

Em termos científicos, como foi a esta experiência?

Foi um espetáculo, uma aprendizagem fan-

tástica. Primeiro porque foi a primeira vez que vi um vulcão a funcionar. Sabia teoricamente bastantes factos sobre vulcões mas nunca tinha visto um, por isso uma das coisas que eu dizia sempre aos meus alunos de Geografia era: ‘Vejam. Aprendam a ver’.

Foi isso o que fizemos porque os instrumentos de medida que consegui arranjar foram poucos. O termómetro, por exemplo, só media 300 °C e a lava estava muito mais que mil.

Foi uma visão fantástica, até porque outras pessoas associaram-se. O primeiro foi o coronel Agostinho que estava na ilha Terceira, depois o engenheiro Frederico Machado. Uma das pessoas que deu uma colaboração muito importante foi o meteorologista local que nos ia informando sobre o quadrante do vento, de forma a procurarmos o melhor ponto de vista da ilha para podermos observar o ilhéu novo.

“Uma das coisas que mais me emocionou foram as quedas de cinza. (...) A outra foi o vulcão em si que tinha explosões brutais”

Que influência teve este vulcão na forma como a sua carreira evoluiu?

Brutal e com impacto humano mundial. Eu estudei assuntos em condições tão ou talvez mais difíceis que os Capelinhos, porque eu estudei em toda a área portuguesa do Brasil a Timor e sempre tive situações um bocado complicadas, mas nenhuma teve a repercussão dos Capelinhos, nem a Índia. (...)

Uma das coisas que mais me emocionou na estadia nos Capelinhos foram as quedas de cinza: num dia extremamente luminoso, ao meio-dia foi preciso acender as luzes em casa, tal era a opacidade e a quantidade de cinzas.

A outra foi o vulcão em si que tinha explosões brutais. Eu lia sobre estas explosões, mas vê-las é outra coisa.

E isso foram realmente duas experiências muito interessantes e que me fizeram medo. (...) Outra situação que me impressionou foi estar na crista do vulcão a filmar para o in-



A geógrafa Raquel Soeiro de Brito quando regressou ao Faial na celebração dos 50 anos da erupção

terior. Eu sempre liguei a fotografia ao meu trabalho, porque há eventos que se explicam por palavras mas que são outra experiência vendo-as.

Quando apareceram as maquinazinhas de filmar, eu usei os filmes porque são uma forma ainda mais natural e autêntica de registar. E isso foi uma atividade que tentei fazer o melhor possível e que foi impressionante: sem ter prática, andar com uma máquina de filmar por cima de um vulcão... É engraçado contar aos netos.

O vulcão atraiu também especialistas e jornalistas estrangeiros ao Faial...

Sim, entre eles o famoso Haroun Tazieva, que quando viu o filme classificou os Capelinhos como o vulcão mais explosivo do ano de 57.

No Faial estavam também especialistas ingleses que tinham estado na guerra. Há uma cena do filme em que se vê a quantidade de pedra, de blocos de lava e de lapili grosso que cai no mar e faz muito barulho e repuxos super impressionantes. Nesse momento, um desses senhores ficou amarelo e disse: ‘Isto é a guerra’. Nunca me esqueci do ar de apavorado desse senhor.

O facto de ser mulher na década de 50 teve grande influência na sua carreira?

Era quase um escândalo. Segundo alguns amigos me têm dito, a rapaziada que não tinha nada a ver com a história ia ver os Capelinhos, primeiro porque era um fenómeno muito perigoso mas extremamente curioso e visível e, portanto, era um chamariz para toda a gente. Mesmo naquela altura em que as comunicações com os Açores eram relativamente difíceis houve gente de

muitos sítios que foi lá de propósito para ver. E parece que havia moços do liceu que no intervalo das aulas iam ver a menina que andava de calças, o que nessa altura era uma coisa incomum.

Um vulcão era uma coisa perigosa e uma mulher andar metida no meio da cinza de um vulcão não era algo que se visse. Os açorianos já me tinham visto andar por muitos sítios e de calças também, mas era noutra ilha e, como as comunicações eram complicadas, a notícia, se calhar, ainda não tinha chegado ao Faial.

Passado 60 anos ainda mantém ligação aos Açores?

Sim, pedem-me ainda muitas vezes para ir aos Açores. Regressei quando republicuei a minha tese de doutoramento, um livro a que pus o título “São Miguel, a Ilha Verde” que é a repetição da minha tese de doutoramento com uma segunda parte que mostra as diferenças entre os anos de 50, que foram os anos de estudo, até à republicação do livro. (...)

Nos 50 anos do vulcão estive em eventos no Faial e em São Miguel, e inclusive o governo regional convidou-me a ir ao Canadá e Estados Unidos, a sítios de maior densidade de população açoriana que tinha ido para lá na altura do vulcão, explicar o que tinha acontecido nos Capelinhos.

Embora a emigração açoriana seja muito antiga, na altura do vulcão houve muito mais gente a ir. O Faial perdeu metade da população e houve freguesias que perderam três quartas partes da população, não só para os Estados Unidos que era tradicional, como para o Canadá que nessa altura abriu as portas à emigração portuguesa. ♦